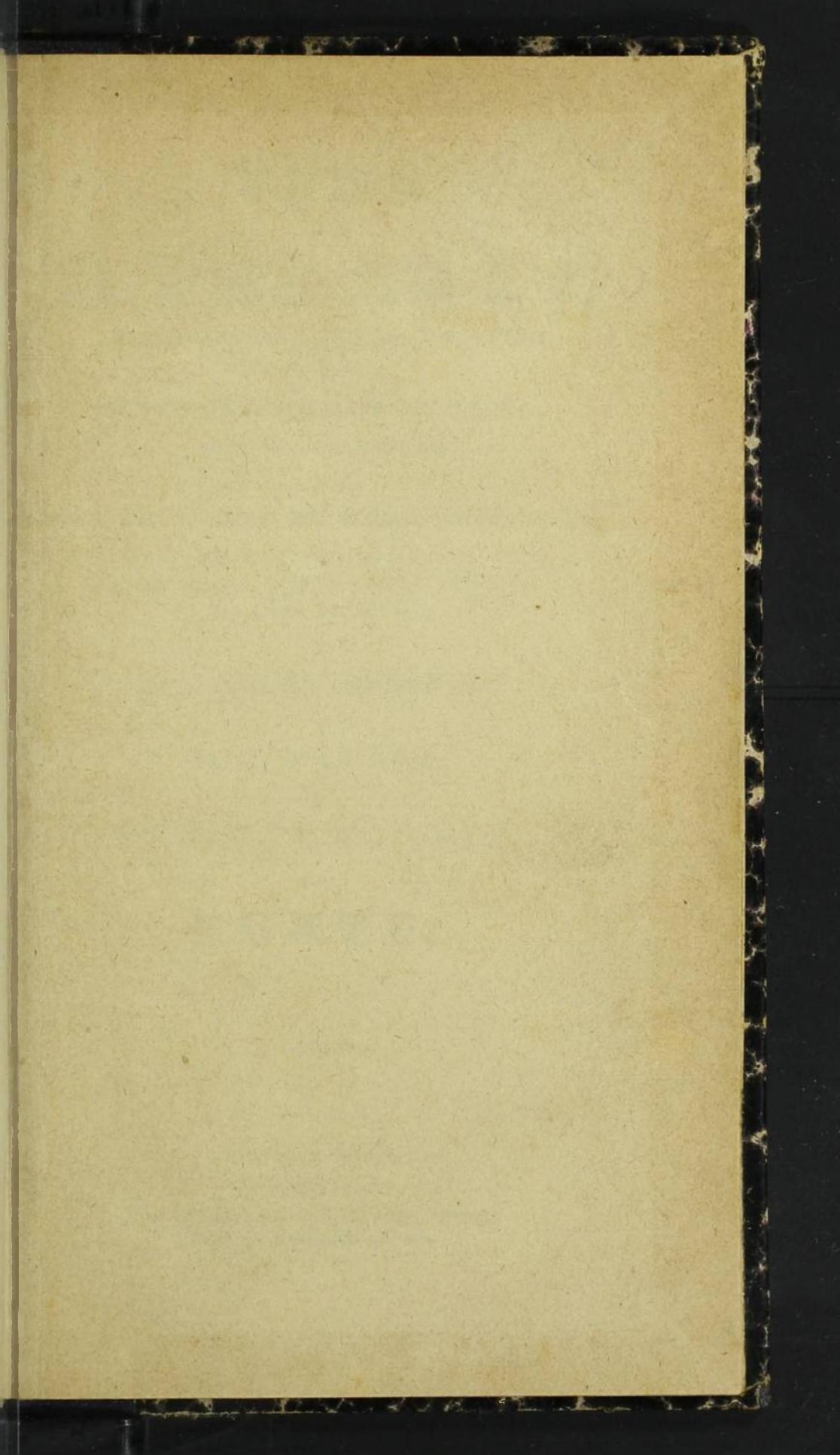


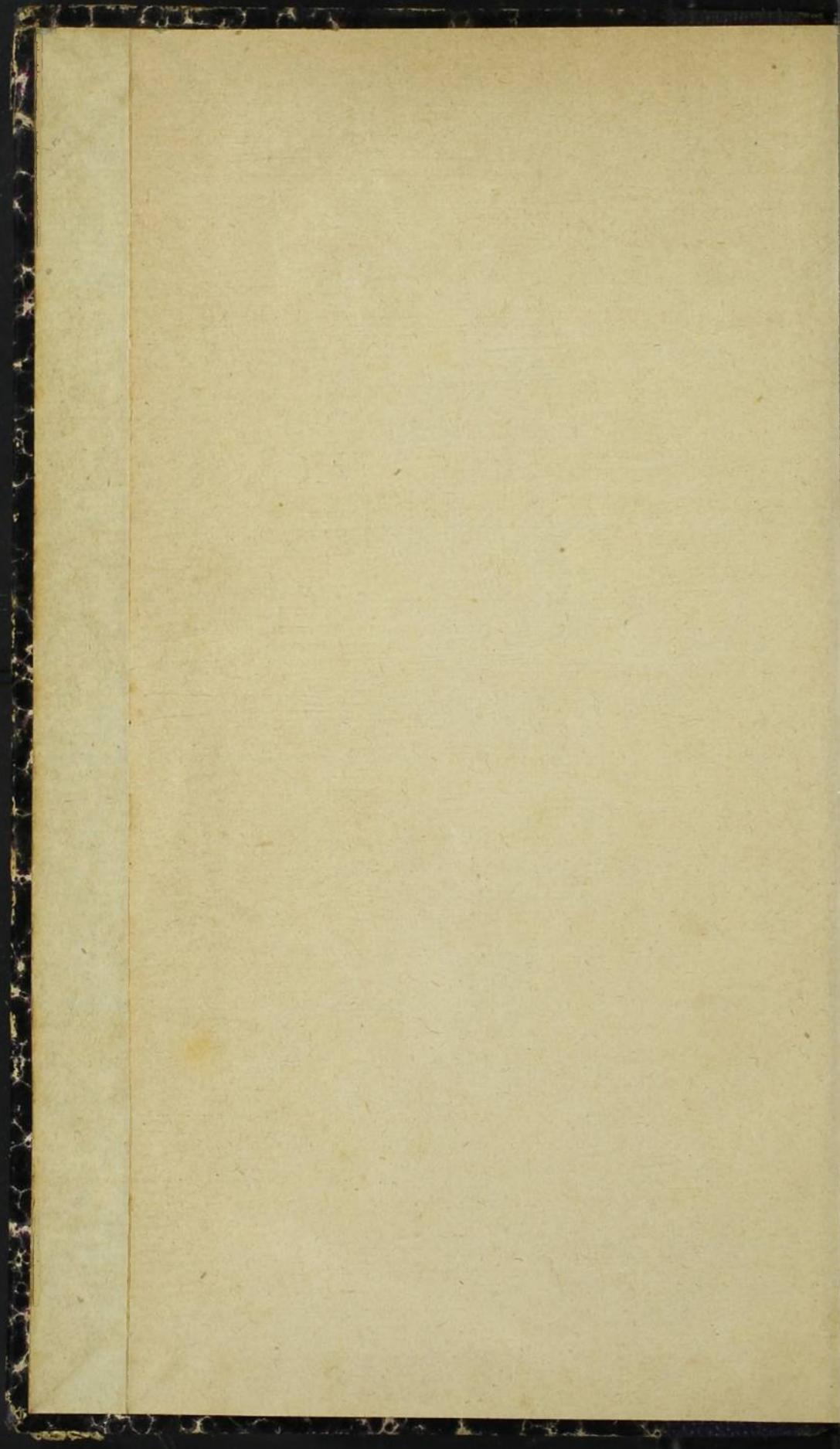
Le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





**VIDA**

DE



**VIGESIMO-OITAVO REI DE PORTUGAL**

E

**PRIMEIRO IMPERADOR DO BRASIL;**

SCRIPTA EM RESUMO

POR

**AMASO J. LUIZ DE SOUSA MONTEIRO,**

BACHAREL PELA UNIVERSIDADE DE PARIS,

CONDECORADO COM A ORDEM FRANCEZA

DA CRUZ DE JULHO;

E

**PELO MESMO OFFERECIDA**

A

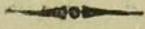
**SUA PATRIA,**

A

**INVICTA CIDADE**

DO

**PORTO.**



LISBOA : 1838.

Na Typographia de Galhardo Irmãos,  
Rua da Procissão n.º 45.

VIDA

DE

DE GARRETT

PRIMEIRO MINISTRO DO REINO DE PORTUGAL

PRIMEIRO IMPERADOR DO BRASIL

... quando em p'rigos, e sforçado em guerras,  
Mais do que permittia humana força,  
Commetteu, e prezez acção tamanha!

Garrett, Cam. Cant. 4.º

Se tu se' or lettore à creder lento  
Cio ch'io dirò, non sarà meraviglia.

Dante.

PRIMEIRO MINISTRO DO REINO DE PORTUGAL

SUA PATRIA

INVICTA CIDADIA

PORTO.

1838

Na Typographia de Garrett & C.  
Rua de Francisco n.º 45.

*AOS PORTUENSES*

O. D. E C.

*O Auctor.*

NOS PORTUENSES

O. D. R. C.

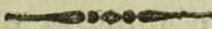
O. D. R. C.



# VIDA

DE

**D. PEDRO IV.**



**D.** PEDRO DE ALCANTARA BRAGANÇA e BOURBON, 28.<sup>o</sup> rei de *Portugal*, e 1.<sup>o</sup> imperador do *Brasil*, nasceu no paço Real de *Queluz* no dia 12 de outubro do anno de 1798. Foi o 2.<sup>o</sup> varão e 4.<sup>o</sup> fructo, que tiveram do seu consorcio o principe *D. João*, filho da rainha de *Portugal* — *D. Maria* 1.<sup>a</sup>, e de seu sposo e tio *D. Pedro* 3.<sup>o</sup>; e a princeza *D. Carlota Joaquina de Bourbon*, filha dos reis de *Hispanha* — *Carlos* 4.<sup>o</sup>, e *Maria Luisa* sua sposa. Por morte do principe primogenito *D. Antonio*, ficou **D. PEDRO** principe da *Beira* (titulo que em *Portugal* se dá ao filho mais velho do principe herdeiro).

Logo que este Real INFANTE teve uso de

razão deram-se-lhe varios mestres, de abalissado mérito, que lhe ensinaram Humanidades, Direito Público, Natural, e das Gentes, &c.; e entre estes se deve notar o famoso *José Monteiro da Rocha*, um dos primeiros huminares da universidade de *Coimbra*, que em testemunho das excellentes disposições que em seu alumno achou, lhe legou a sua bôa livraria.

O stampido da *Europa* que baqueava, e caía a pedaços, apenas soava no fundo de *Mafra*, mas finalmente lá echoou nos corredores d'aquelles Reaes paços a sentença proferida de *Milão* contra a Casa de BRAGANÇA..... Esta augusta familia deixou então os seus estados do continente para ir ás suas possessões trans-atlanticas buscar uma tranquillidade de que já n'aquelles não podia gozar! O joven D. PEDRO embarcou com a sua familia nos fins de novembro de 1807, mostrando já, posto que da tenra idade de 9 annos, sentimento e pena por esta forçada ausencia do berço do seu nascimento.

Ao outro dia, na maré da tarde  
Da poupa d'um galeão via fugindo  
O Tejo, as suas ribas deliciosas,  
Depois a terra; — allim o ceu, e as aguas  
Sós com suas tristezas lhe ficaram.

Logo que o joven PRINCIPE chegou ao *Brasil*, fez todos os sforços para completar e aperfeçoar os principios d'instrucção que havia recebido; — mas errada e artilosa politica malogrou sempre os seus bons desejos....

Studava como a furto as sciencias naturaes, recatando da côrte os livros e instrucções que seus amigos lhe davam. Os exercicios militares eram o objecto mais caro ao seu

coração. Quantas vezes não pediu licença ao *principe regente* seu pae, quantos sforgos repetidos e sempre baldados não fez, para vir á *Europa* apprender a arte da guerra n'essa lucta famosa e porfiada, que abalou todos os thronos e dynastias, e que só terminou pelo exilio, político mas barbaro, d'esse Homem, cujo molde a natureza quebrou, depois de o ter produzido!! d'esse Homem, ante quem tremeu toda a terra!....

Et siluit terra in conspectu ejus!

Extranho á politica, e aos negocios do estado, D. PEDRO, a quem se scondiam com recato os segredos do gabinete, occupava a sua penetração natural no estudo dos homens: — seu nobre coração e sua alma franca reprovavam altamente a dobrez de quasi tudo o que ouvia, via, ou observava nos bastidores do palacio....

Por morte de sua avó a rainha *D. Maria 1.<sup>a</sup>*, principiou seu pae a reinar em 20 de março de 1816; e a 13 de maio do anno seguinte casou o PRINCIPE hereditario com *D. Maria Leopoldina*, archiduqueza d'*Austria*; — de cujo consorcio nasceram: — a senhora D. MARIA SEGUNDA, nossa actual e legitima Soberana, — o actual imperador do *Brasil*, PEDRO 2.<sup>o</sup>, — e as princezas *D. Januaria*, *D. Paula*, e *D. Francisca*, que hoje existem n'aquelle imperio.

Aos males que necessariamente resultam de uma tão aturada guerra como a da península, e aos provenientes da ausencia da côrte, reuniram-se as vexações de um despotismo feroz. *Portugal*, victima da ignorancia e tyrannia dos seus governantes, en-

vergonhava-se de ser uma colonia do *Brasil*, e de obedecer a um estrangeiro. Todas as classes de cidadãos gemiam debaixo do insupportavel jugo dos que regiam nossos destinos, quando alguns portuguezes illustres (e entre elles o nobre *Gomes Freire*) tentaram em 1817 quebrar nossos ferros. . . . Estes martyres da patria foram infelices na sua tentativa, que foi recompensada com os cadafalsos e fogueiras do *campo de S. Anna!* que horror!!

O commercio stava extincto, morta a agricultura, as artes caídas em desprezo, queimadas ou destruidas nossas fabricas, a gloria nacional e o nome portuguez eclypçados, quando em 24 d'agosto de 1820 alguns portuguezes, dignos d'este nome, levantaram na sempre heroica cidade do PORTO o brado de — LIBERDADE E REI!!

Disseram os Portuenses: — *somos livres* — e este grito retumbou em todo o reino, e além do atlantico, e achou echo no mais recondito do palacio do *Rio de Janeiro!* Todo o *Brasil* reuniu seus brados aos de seus irmãos cis-atlanticos, repetindo entusiasticamente: — LIBERDADE E MONARCHIA!!

D. PEDRO annuú francamente a estes principios, e sua alma pura e incapaz de dissimulação não pôde moderar-se. Filho obediente, subdito leal; — mas primeiro que tudo — cidadão portuguez, disse claramente a seu pae que vivia enganado, e pediu-lhe que annuisse aos desejos e votos dos seus subditos, assigurando d'este modo os seus proprios interesses.

Os conselheiros d'elrei decidiram que D. PEDRO viesse para o continente europeu

abafar os gemidos da sua patria ; missão infame ! mas que o PRINCIPE herdeiro rejeitou immediatamente com a mais nobre indignação ; e além d'isto disse energicamente a seu pae, que se o seu conselho obtivesse que se pozessem em execução medidas perfidas para destruir a revolução em logar de sanar as feridas da sua desventurada patria, elle deixaria o *Brasil*, e viria para *Portugal* pôr-se á testa dos verdadeiros patriotas que queriam salvar o seu paiz de uma immediata ruina.

Resolveu-se então a vinda d'elrei para *Portugal* ; e que o PRINCIPE hereditario ficasse regente do *Brasil*. — E aqui começa a celebridade politica do nosso HEROË.

A chegada de *D. João 6.º* á metrópole foi seguida de factos, bem sabidos, que tornaram impossivel a continuação da união de *Portugal* com a sua antiga colónia. A inesperienza e irreflexão de grande parte dos membros do nosso congresso constituinte, que queriam liberdade para *Portugal* e continuação de despotismo no *Brasil* ; — exaggeradas pretensões dos deputados d'este futuro imperio, e a sua desappareição das côrtes de *Lisboa* ; — affrontas feitas dentro e fóra do congresso aos brasileiros, consequencia necessaria da exaggeração dos seus deputados ; &c. — são motivos mais que sufficientes, não falando ainda de injurias que no recinto do mesmo congresso se vomitaram contra o nobre Descendente de tantos reis que illustraram a sua patria, para justificarem a deliberação que este nobre PRINCIPE tomou, de emancipar o *Brasil*.

*Portugal* e o *Brasil* se levantaram, (screveu um dos nossos maiores talentos) dispu-

taram, separaram-se, e ficaram algum tempo em oscillação perigosa. No *Brasil* houve uma mão forte, que d'um só golpe, dado a tempo, fez parar este movimento oscillatorio e irregular; — em *Portugal* desgrazadamente não succedeu assim.

A fundação do imperio do *Brasil* será sempre olhada como um dos mais gloriosos actos da vida do nosso HEROE, que nem um só momento duvidou em sacrificar a sua reputação, de filho e de portuguez, á satisfação de dar vida, liberdade e emancipação a uma tão briosa nação como a brasileira!

Entretanto furibunda conspiração dos thronos contra os povos derribava do seu sólio a liberdade na *Italia*, na *Hispanha*, e em *Portugal*; e logo uma facção monstruosa, que nada menos queria do que o throno e a morte d'elrei, ganhou espantoso incremento, excitando astutissimamente a desintelligencia entre o *Brasil* e *Portugal*, entre o nosso HEROE e o seu virtuoso pae, e desaccreditando-os para seus perversos fins; — o que tudo bem se evidenciou pelo execrando attentado de 30 d'abril de 1824.

Todavia foi o novo imperio, em 1825, reconhecido independente de *Portugal* por D. João 6.<sup>o</sup>; — mas os desgostos domestico-politicos, que acabei de apontar, deteriorando a saude d'este monarcha, terminaram a sua existencia em 10 de março de 1826; — deixando installado um Conselho de regencia, presidido pela irman do novo REI, a senhora D. Isabel Maria.

Quarenta e sette dias depois da morte de seu pae (em 26 de abril) chegou esta nova AO IMPERADOR DO BRASIL! Este dia foi in-

teiramente consagrado á dôr, mas o dia 27 foi o do 1.º acto do seu reinado. — Aceitando a corda portugueza, que por direito de successão baseado nas antigas leis fundamentaes da monarchia lhe pertencia, dêu uma amplissima amnestia a todos os erros ou delictos politicos; e cobriu com denso véu, como rei, resentimentos pessoases de offensas feitas ao principe.

Ditosa patria que tal filho teve!

O faustissimo dia 29 de abril foi o de outro acto do seu reinado que, spantando o mundo inteiro, elevou o novo soberano acima de todos os monarchas que des d'o berço do mundo regeram os povos!

Digno feito de ser no mundo eterno;  
Grande no tempo antigo e no moderno!

Outorgou aos portuguezes esse SAGRADO CÓDIGO, chamado — *de 1826* —, eterno monumento da sua sabedoria e generosidade, e da sua coherencia de principios; — d'aquellas, porque o stado politico e as circumstancias de *Portugal* altamente o reclamavam e exigiam, sem todavia ser francamente pedido por classe alguma da nação; — e d'esta, pois que era justo que houvesse a nossa patria a sua *charta d'alforria* do mesmo PRINCIPE, que *não quiz unir em 1823 o Brasil livre a Portugal escravo!*

Codro, nem Curcio, ouvido por spanto,  
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

Reconciliada a familia portugueza, e doada aquella dádiva immortal, cresceu immensamente a fama do nosso HEROE!

Et nominatus est usque ad novissimum terræ...

Logo depois (em 2 de maio do mesmo anno) assignalou o nosso PEDRO o GRANDE ainda mais a sua elevação ao sôllo por outro acto de generosidade e de politica, abdicando a corôa portugueza em sua filha primogenita, a senhora D. MARIA SEGUNDA, para reger os seus subditos pela CHARTA, e com a CHARTA; dando assim (disse o mesmo D. PEDRO no discurso com que abriu as côrtes em *Lisboa* 8 annos depois) á *Europa* um novo e seguro penhor da sinceridade das suas intenções, e aos portuguezes a mais abonda prova do ardente desejo que o animava, da sua futura prosperidade! — Uma condição poz o IMPERANTE á sua abdicção, além da do juramento da mesma CHARTA — as nupcias de sua filha bem amada com seu irmão e tio da princeza o infante D. Miguel, condição que a experiencia veio mostrar, que era impolitica e illiberal....

Este principe jurou solemnemente a CHARTA, e ainda mais solemnemente, se é possível, obediencia á sua soberana e futura Sposa, cuja mão acceitou publicamente; e nomiado por seu Irmão — regente do reino, e seu logar-tenente em *Portugal*, chegou a *Lisboa* em 22 de fevereiro de 1828; — mas perfidos conselhos, suggestões ainda mais perdidas, e a mesma fatal propensão da sua indole o induziram a peccar, a falsear tão espontaneos juramentos, levando com o seu comportamento este malfadado paiz ás bordas do abysmo!....

A' historia, e não ao curto espaço d'esta BIOGRAPHIA pertence a narração dos factos, dos horrores, que preencheram o governo do perjuro; — e por isso passarei immediatamen-

te a um facto saliente do nosso **HEROZ**, que se bem comprometteu de algum modo a sua grande reputação, deve com tudo attribuir-se a que, longe do theatro de desventuras em que *Portugal* jazia então, e ignorando quanto se passava n'este reino e na *Europa*, foi facilmente enganado pela doble politica da diplomacia europea, e traído por alguns d'aquelles mesmos em quem havia depositado a sua confiança; — quero falar do decreto de 3 de julho de 1828, em que confirmava a sua abdicção, dando por verificadas e completas as suas condições; — e da vinda da Rainha, que se destinava para a cõrte de *Vienna d'Austria*. Esta segunda medida, que, si se verificasse, seria fatal á mesma Rainha e a *Portugal*, foi impedida pelo illustre *marquez* (hoje *duque*) de *Palmella*, coadjuvado pelo *visconde de Itabayana*, e pelo *marquez de Rezende*; — serviço este, que não foi o menos importante dos que o nobre duque prestou á causa da liberdade e da soberana!

No entretanto armou-se em *Lisboa* uma formidavel expedição para conquistar um pequenissimo ponto, situado no meio do *Atlantico*; — único onde tremulava o standarte da Filha de **PEDRO**! onde o **Throno** e a **CHARTA**, os direitos da Nação e os da Rainha se refugiaram. Nos scarpados penhascos da *Terceira* stava o fiel batalhão 5.<sup>o</sup> de caçadores, servindo de núcleo á lealdade portugueza, que no brilhante e memoravel dia 11 d'agosto de 1829, dirigida pelo nobre *conde de Villa Flôr* (hoje *duque da Terceira*) rechaçou completamente na *villa da Praia* aquella famosa expedição, fazendo-lhe perder a honra militar e mais de 1000 homens!

PEDRO o GRANDE havia já reconhecido o erro a que o haviam levado, prestando aos portuguezes emigrados, e aos da *Terceira* os succorros ao seu alcance, e declarando ao mundo que jámais transigiria com os inimigos de sua Filha, e por ultimo nomiou uma regencia, que a despeito dos maiores perigos saiu da *Inglaterra*, e foi stabelecer-se n'esse rochedo da *Terceira*, onde o nome da Rainha nunca tinha sido profanado!

Em dezembro de 1835 fallecêra a mãe da senhora D. MARIA SEGUNDA, e em 29 de agosto de 1829 partiu esta Senhora, da *Inglaterra* para o *Brasil*, em companhia da excelsa Filha do Principe *Eugenio de Beauharnais* a Princeza D. AMELIA, com quem o HEROE Portuguez passára a segundas nupcias.

Pertence á historia brasilica commemorar os eventos a que este nascente imperio deve o ser, bem como aquelles que forgaram o seu Fundador a separar-se de seus subditos americanos, que talvez podia ainda subjeitar, mas não sem effusão de sangue. . . . Este PRINCIPE salvou o *Brasil* do flagello da guerra civil que olhava com horror, arremessando o sceptro e o diadema imperiaes ao meio d'aquelles mesmos, que tantas obrigações lhe deviam, e que sem dúvida reconhecem hoje a sua dura ingratição!

D. PEDRO, a quem nunca fascinaram o podêr, nem as grandezas mundanas que sempre por elle foram encaradas com olhos de verdadeiro philosopho, — abdicou a corôa do *Brasil* em seu augusto Filho *Pedro 2.<sup>o</sup>* em 7 d'abril de 1831, partindo immediatamente para a *Europa* na companhia de sua

Sposa, e da Rainha de *Portugal*. Accontecimentos certamente insperados, disse o DUQUE DE BRAGANÇA no seu já citado discurso, mas nascidos do inflexivel proposito que tinha formado, de jámais faltar á firmeza da sua palavra, e á santidade dos juramentos, com que se havia ligado para com os seus subditos, o trouseram á *Europa*, depois de ter abdicado o throno imperial do *Brasil*..... — Chegou a *Cherbourg* (França) em junho de 1831; de *França* partiu logo para *Londres*, d'alli para *París*; e d'esta cidade partiu de novo para *Inglaterra*, tendo tomado o titulo de DUQUE DE BRAGANÇA, que lhe pertencia como Chefe d'esta illustre dynastia.

A tomada de todas as ilhas dos *Açores* pelos bravos da *Terceira*, capitaneados pelo seu illustre general, fez vêr ao nosso HEROE, que os portuguezes queriam ser livres, e que eram dignos de o serem; e logo collocando-se á testa da grande, ardua, e gloriosa empresa de restituir o Throno á sua augusta Filha, e a CHARTA CONSTITUCIONAL aos fieis subditos da mesma Senhora, declarou franca e lealmente a todas as côrtes da *Europa*, que na qualidade de Pae e de Tutor da Rainha de *Portugal* ia reivindicar para ella o Throno, e para os seus subditos a CHARTA e a Patria! — O manifesto, que publicou em 2 de fevereiro de 1832, será olhado em todos os tempos como um monumento perpetuo de verdade, e d'eloquencia, — da sua justiça, generosidade e philanthropia, e dos nobres sentimentos da sua grande alma. D. PEDRO embarcou em *Belle-île* a bordo da fragata *Amelia*, no mesmo dia em que publicou o seu manifesto, tendo partido a 23

do precedente mez, de *Paris* onde deixou a Rainha, a Duqueza sua Sposa, e a sua amada Filha *Amelia*, que nascêra no 1.<sup>o</sup> do ultimo dezembro. No dia 10 do mesmo fevereiro desferrou a pequena squadra, que levava a maior parte dos emigrados que se achavam dispersos pela *Europa*, demandando as aguas dos *Açores*. Tudo então faltava, e tudo se creou de novo, disse ainda D. PEDRO:— os meios pecuniarios tão indispensaveis, quanto difficeis de conseguir, foram obtidos por um singular contracto, em que a fortuna da empresa foi a unica hypotheca; — a firma do IMPERADOR o único fiador; — e o zelo e a confiança de quem dava e recebia igualmente francos e illimitados.

A coragem de D. PEDRO venceu e cortou todas as difficuldades; os homens livres de todas as nações sympathisaram com a causa portugueza, e todos fizeram ardentes votos pela prosperidade das armas da Rainha...

Em 22 do mesmo fevereiro foi o DUQUE DE BRAGANÇA recebido nas praias de *S. Miguel* pelos emigrados que alli se achavam, e a 28 assumiu na ilha *Terceira* a regencia do reino em nome de sua Filha; --- porque a empresa, disse elle mesmo, necessitava de um centro, sempre presente, sempre activo, sempre vigilante.

Deu logo varias providencias legislativas, e passou a organizar a expedição, que devia vir a *Portugal* mudar a face dos negocios, e na qual, segundo suas proprias expressões, *elle se alistou Primeiro Soldado*.

Prompta finalmente a frota que encerrava as speranças e destinos da patria, e que constava de 2 fragatas, 1 corveta, 2 brigues, 4

scunas, e 40 transportes, com 3 brigadas de artilheria de campanha, e 8:300 homens, de que eram combatentes em parada pouco mais de 7:500, levantou ferro, de *Ponta Delgada* (ilha de *S. Miguel*) pelas 2 horas da tarde do dia 27 de junho de 1832.

N'esta fôrça eram comprehendidos 541 officiaes, 461 inferiores, 183 musicos e tambbores, e 7:034 cabos, anspeçadas e soldados, incluindo 300 praças de prisioneiros feitos nas ilhas, cuja maior parte passaram para os inimigos logo que puderam.

A viagem foi prospera :

Prospero o vento foi. Por esses mares,  
 Já no largo oceano navegavam,  
 As inquietas ondas apartando;  
 Os ventos brandamente respiravam,  
 Das naus as velas concavas inchando.  
 Da branca scuma os mares se mostravam  
 Cobertos, onde as prôas vão cortando  
 As maritimas aguas consagradas,  
 Que do gado de Protêu são cortadas.  
 Tão brandamente os ventos os levavam,  
 Como quem o ceu tinha por amigo;  
 Sereno o ar e os tempos se mostravam,  
 Sem nuvens, sem receio de perigo.

No dia 7 de julho deu a squadra vista da costa de *Portugal* na altura de *Villa do Conde*, pelas 10 horas da manhan; — pelas 7 da tarde stava todo o comboyo alli reunido.

A 8, pelas 9 horas da manhan, mandou D. PEDRO içar na fragata *Rainha de Portugal* o pavilhão real, que foi salvado com as salvas do costume pelas outras embarações, e pela fragata ingleza *Stag*, que de *Lisboa* tinha partido ao encontro d'esta squadra. Pelas 2 horas e meia da tarde tomaram posição as embarcações de guerra um

pouco mais ao norte da praia do *Mindêlo*, no sitio chamado *Arnoza*, mui perto da freguezia de *S. Mamede de Perafita*, chamado tambem *praias de S. Salvador de Lavra*; — a meia distancia de *Villa do Conde* e do *Porto*, e a menos de tiro de metralha da terra; e ás 3 horas começou o desembarque.

A guarnição do brigue *Conde de Villaflôr* foi a primeira que saltando em terra cravou a bandeira bicolôr no ponto de desembarque, e logo depois desembarcou o *conde de Villaflôr* (hoje *duque da Terceira*), o stado maior, uma força de caçadores 5, o batalhão da marinha, &c. O IMPERADOR saltou em terra ás 6 horas da tarde; e ás 9 horas da noute stava o exercito todo desembarcado.

O vice almirante tinha accompanhado no scalar a D. PEDRO, levando a bandeira que as senhoras da ilha do *Fayal* haviam bordado e offerecido a este PRINCIPE que, encontrando o batalhão de voluntarios da RAINHA em columna na praia, tomou das mãos do mesmo vice-almirante a bandeira, e com expressões dignas da occasião e do corpo a quem ás dirigia, a entregou áquelle batalhão. (\*)

As tropas miguelistas postadas em *Leça* viram-se forçadas a retroceder para o *Porto*, passaram o *Douro* pelas 2 horas da madrugada, e cortando a ponte foram alojarse nas alturas de *Villa Nova de Gaia*; e as que stavam em *Villa do Conde* retiraram-se pela strada de *Amarante*.

Os batalhões 2 e 3 de caçadores, que for-

---

(\*) Chronica Constitucional do *Porto* n.º 1. — Vid. a vinheta.

mavam a vanguarda das forças liberaes, marcharam sobre o Porto, onde entraram na madrugada do dia 9, no meio das felicitações e vivas do povo; e D. PEDRO á testa do resto da expedição entrou na segunda cidade do reino pelo meio dia, e foi alojar-se nos paços do concelho, á *praça nova*, fazendo tremular a bandeira bicolôr em todos os angulos d'aquella formosa cidade, e sem perda de um só homem!

Confortare & esto robustus: tu enim introduces populum meum in terram!

disse Deus a *Josué*; e outro tanto parece que disse ao nosso *HEROË*:— *conforta-te, tem animo e valôr; a ti, ó Príncipe, cabe a gloria de conduzir o meu povo á terra por que suspira, e de que é digno!*

Et dilatavit gloriam populo suo, & induit se loriam sicut gígas, & succinxit se arma bellica sua in pŕæliis, & protegebat castra gladio suo.

Et repulsi sunt inimici ejus pŕæ timore ejus, & omnes operarii iniquitatis conturbati sunt; & directus est salus in manu ejus. (\*)

Cidade heroica, tu vás eclypsar a immarcescível gloria de *Sagunto*, de *Numancia*, e de *Saragossa*! teus filhos vão ser conduzidos á victoria pelo GRANDE PEDRO!!

O exercito inimigo em todo o reino compunha-se de 79:525 homens, e 3:791 cavalheiros! . . . .

. . . . . quomodo poterimus pauci pugnare contra multitudinem tantam & tam fortem?

Et ait Judas (*PETRUS*): Facile est concludi multos in manus paucorum;

---

(\*) Bibl. Machab.

Quoniam non in multitudine exercitûs victoria belli,  
sed de cœlo fortitudo est :

Ipsi veniunt ad nos in multitudine contumaci & au-  
perbia, ut disperdant nos & uxores nostras & filios  
nostros, & ut spolient nos ;

Nos vero pugnabimus pro . . . legibus nostris.

Et ipse Dominus conteret eos ante faciem nostram ;  
vos autem ne timueritis eos :

Depois de alguns reconhecimentos milita-  
res nas vizinhanças do Porto, chegou o dia  
23 de julho, em que se deu a batalha de  
*Ponte Ferreira* (3 leguas da cidade na di-  
recção de *Penafiel*). Os miguelistas conta-  
vam n'esta acção de 10 a 12 mil homens,  
200 cavalleiros, e 5 peças d'artilheria ; D.  
PEDRO apenas tinha metade d'aquelle nu-  
mero, 40 maus cavallos, e igual força d'ar-  
tilheria. O combate começou pouco antes do  
meio dia, foi sanguinolento e obstinado, e  
durou até á noute, a cujo favor se retiraram  
os miguelistas, tendo perdido 500 homens ;  
e os nossos, entre mortos e feridos, meta-  
de. — No dia 24 voltou o HEROE triumphan-  
te para o Porto, não tendo podido perse-  
guir os seus inimigos por falta de cavallaria,  
e porque na madrugada d'esse mesmo dia  
se apoderou da cidade um terror panico, fun-  
dado em noticias atterradoras spalhadas por  
um militar, que sem dúvida fôra enganado,  
pois que, para não ser accusado de cobardia,  
foi mais tarde morrer ás linhas de *Lisboa*,  
victima de seu temerario arrojo e bravura !

Na noute de 24 para 25 do mesmo mez  
reventou um horroroso incendio nos 4 angu-  
los do convento de *S. Francisco*, que servia  
de quartel do batalhão 5.º de caçadores !  
N'este incendio que podia ter muito mais  
funestas consequencias pereceram desgraça-

damente 2 ou 3 militares, e perdeu-se a rica bandeira que a joven RAINHA havia bordado de suas mãos, e dado de mimo áquelle batalhão. O convento ficou em poucas horas reduzido a um montão de denegridas pedras!

Até o dia 7 d'agosto nada houve de consideração; mas n'esse dia travou-se uma acção em *Souto Redondo*, em que os soldados do GRANDE PEDRO houveram de retirar-se diante de fôrças consideraveis, perdendo 400 homens. — Este dia que produziu desalento nos habitantes da cidade, ensinou aos nossos soldados que deviam reduzir-se á defensiva em quanto fosse conveniente; e tractou-se por consequencia de fortificar seriamente a cidade. O despedimento dos transportes convenceu a todos de que os liberaes haviam de defender o PORTO, ou ficar sepultados nas suas ruinas; e os moradores appreciaram esta resolução, desenvolvendo o maior entusiasmo.

O IMPERADOR era incançavel, o primeiro em dar o exemplo; já antes de começar o dia stava a cavallo, recorrendo as linhas recentemente traçadas, ora animando os trabalhadores, ora dirigindo os trabalhos.

No dia 8 de settembro carregou o inimigo, que desde os principios do mez tinha feito correrias nas immedições do PORTO, pelo alto da *Bandeira*, da outra parte do *Douro*, em fôrça de 4 a 5 mil homens, fazendo ao mesmo tempo um forte reconhecimento em nossas fortificações ao norte; foi n'este dia que o governador do PORTO *Bernardo de Sá* (hoje visconde de *Sá da Bandeira*) foi ferido, no sitio d'onde tomou o seu titulo, tão gravemente que foi preciso am-

putar-se-lhe logo o braço. — Logo que a tropa que elle commandava passou para a cidade, cortou-se a ponte de barcas, ficando isolada a guarnição do *convento da Serra*, composta de 300 voluntarios de *Villa-nova*, 2 companhias de infantaria 6, e alguns poucos artilheiros, que commandada pelo valeroso major de cavallaria *Bravo*, 3 vezes foi atacada pelos miguelistas desde a 1 hora da tarde até á noute, e outras tantas os rechaçou e fez retirar com grande perda. Da sorte d'aquelle interessante ponto dependia em grande parte a da cidade.

Durante estes repetidos ataques steve constantemente D. PEDRO na *bateria da Victoria* (na cidade), apontando em pessoa o canhão, dirigindo varios tiros opportunamente, e tão exposto que bem proximo da sua pessoa foram feridos alguns individuos.

Por meio d'estes horridos perigos,  
D'estes trabalhos graves e temores,  
Alcançam os que são da fama amigos  
As honras immortaes, os graus maiores.

D. PEDRO, reconhecendo a importancia de uma tal posição, mandou logo reforçar aquelle ponto, para onde partiu com mais tropa o novo governador o valente brigadeiro *Torres* (hoje *visconde da Serra do Pilar*), que não abandonou mais aquelle posto até o fim do ítio. Os ataques foram renovados com o mesmo exito nos dias 9 e 10 de settembro. — N'este ultimo dia lançaram os inimigos as primeiras bombas contra a cidade.

No dia 16 pelas 2 horas da tarde fizeram os nossos uma sortida para destruir algumas obras dos sitiadores, pelos pontos de *Covêlo e Paranhos*; e foram bem succedidos.

Chegou finalmente o dia 29 de setembro, em que os miguelistas se lisonjeavam de saquear a cidade, e annihilar todos os revolucionarios. — A totalidade das forças dos liberaes constava, n'aquelle dia, de 8:374 homens, contando as guarnições do *Castello da Foz* e da *Serra*, que se compunham de 1:234 praças. Os postos avançados romperam o fogo pelas 6 horas da manhã; ás 8 começaram os miguelistas o ataque, carregando em grande fôrça pela direita da linha, e apezar da valerosa resistencia que acharam, conseguiram penetrar pela strada de *S. Cosme* na parte interior das trincheiras; mas 25 portuguezes, do corpo de guias a cavallo, comandados pelo denodado *João Nepomuceno* (depois *barão de S. Cosme*, que tão desgraçadamente foi ha bem pouco morrer ás mãos de portuguezes no *Chão da Feira*) acutilaram, destroçaram e annihilaram 300 ou 400 miguelistas que tiveram o arrojo de penetrar em *Campanhan!* A acção durou 11 horas; — 2:500 miguelistas foram rechaçados por 317 francezes; e 212 inglezes foram atacados de frente por 2000, sem contar outros que faziam de longe vivissimo fogo. A nossa perda foi de 646 homens, entre mortos e feridos — (77 officiaes, 40 inferiores, 3 tambores, e 526 cabos, anspeçadas, e soldados); — mas a do inimigo foi de perto de 3:000 homens, entrando n'este numero 320 prisioneiros; perderam de mais 400 espingardas, e 3 peças de campanha. O general miguelista, *Gaspar Teixeira*, deu a esta acção o nome de *reconhecimento em fôrça, em columnas e corpo de reserva!*

De 10 até 13 de outubro fizeram os mi-

guelistas um horroroso fogo contra o *convento da Serra*, disparando nas ultimas 33 horas mais de 3:000 tiros d'artilheria; — e não sendo correspondidos attribuiram isso a falta de munições, ou a desemparo do forte pelos nossos; — avançaram em consequencia no dia 14, pelas 2 horas da tarde, em força de 6 mil homens, ao assalto em 3 columnas. — Seis vezes se lançaram os assaltantes com valôr aos parapeitos, e outras tantas encontraram uma resistencia propria de homens de bronze, até que á chegada da noute retiraram-se, perdendo uns 800 homens; — a perda dos nossos foi de 69 entre mortos e feridos.

Em quanto isto se passava em terra, fôra o almirante *Sartorio* no dia 18 de julho com toda a squadra, excepto 3 vasos menores que deixou no *Douro*, bloquear o porto de *Lisboa*. No dia 3 d'agosto saíu d'este porto a squadra de *D. Miguel*, composta de 7 vasos de guerra. A 10 houve um pequeno combate; — a 12, 13, e 14 viram-se as 2 squadras na altura do *Porto*, e a 18 já a miguelista tinha entrado no *Tejo*. A 23 d'agosto bloqueava *Sartorio* outra vez *Lisboa*.

Em 10 de settembro saíu a squadra miguelista, do *Tejo*, com um suberbo barco de vapôr, que no dia 11 foi subitamente a pique, com 30 peças de grosso calibre, mais de 120 artilheiros, e outras pessoas de consideração. A 27 entrou esta squadra em *Vigo*, ficando a nossa perto das ilhas de *Baiona* em observação. A 10 do seguinte outubro desferraram as 2 squadras, e a 11 combateram-se durante 4 horas, sendo o resultado

a retirada da squadra miguelista para *Lisboa*, aonde chegou a 14, e onde se conservou até o 1.<sup>o</sup> de julho do anno seguinte; tendo o seu almirante participado em data de 12 de settembro ao corpo diplomatico e consular, que ía bloquear o *Porto*!!?

Desde o ultimo ataque dado á *Serra* até 10 de novembro nada de importante se passou, senão a construcção das baterias da *Furada* e de *S. Paio* na margem esquerda do *Douro*, com o objecto de bloquear a barra; que ficou com effeito impracticavel desde este dia. Construíram de mais os miguelistas 6 lanchas canhoneiras em *Villa do Conde* para metterem a pique os barcos que forneciam de mantimentos a cidade. N'este meio tempo saíu *D. Miguel* de *Lisboa* para animar o seu exercito com a sua presença; e chegou a *Braga*!

Eis alli seus irmãos contra elle vão:'

Caso feo e cruel: Mas não se espanta,

Que menos é querer mattar o irmão

Quem contra o rei e a patria se alevanta!

No dia 14 fizeram os liberaes uma sortida para destruirem as baterias inimigas de *Villa-nova*; mas não foram felices na sua tentativa. A 17 fizeram outra sobre *Paranhos* ao norte da cidade, destruindo algumas obras dos sitiadores. A 28 de novembro e a 17 de dezembro houve outras duas sortidas que pouco resultado tiveram. N'estas 4 sortidas perderam os nossos 614 homens (contando 56 officiaes) entre mortos e feridos!

Foi no principio do mesmo mez de dezembro, que o IMPERADOR mudou o seu ministerio. *J. X. Mosinho da Silveira*, minis-

tro da fazenda, acabava de afirmar a S. M., que apenas nos poderíamos sustentar no PORTO pouco mais de 15 dias; e segundo o relatório do ministro da guerra, apresentado ás côrtes em 4 de setembro de 1834, a entrada dos conselheiros *J. A. de Magalhães*, e *J. da S. Carvalho* nas repartições de justiça e fazenda, salvou a causa da patria n'aquella apurada época.

A guarnição do PORTO, no fim do anno, constava de 11:256 homens, dos quaes 1:509 doentes, 1:892 dos batalhões nacionaes, 5:623 de infantaria de linha e caçadores, 293 de cavallaria, 491 artilheiros, 647 officiaes de todas as armas, e 642 inferiores.

No dia 1.<sup>o</sup> de janeiro desembarcou o general francez *barão de Solignac* com alguns belgas, e n'esse mesmo dia chegou com elles á heroica e malfadada cidade do PORTO o terrivel flagello do cholera-morbus. A vinda de *Solignac* inspirou algum desalento aos inimigos, e certa confiança aos sitiados.

Principiou logo a organizar o exercito que achou bem cansado de 6 mezes de fadigas, e de alarmes. . . .

Em 24 de janeiro fizeram os sitiados uma sortida pela squerda da linha sobre o *monte de Castro*, e o *castello do Queijo* que está na costa, e que tinham imprevidentemente abandonado muito tempo antes. Esta sortida, que devêra ser auxiliada pela squadra, foi tão desgraçada como as precedentes, em consequencia da insubordinação que se manifestou nos marinheiros, todos elles inglezes. Perdemos, entre mortos, feridos, e prisioneiros, 252 homens, e n'estes, 25 officiaes.

Tres dias depois desembarcou, com bastan-

te difficuldade por causa do tempo, o general conde (hoje marquez) de Saldanha, idolo então da tropa portugueza, e que 6 mezes mais tarde devia ser o vencedor do vencedor d' Argel.

Até 4 de março nada houve notavel. O mar encapelado não deixava chegar á costa nem uma vela; — 40 dias tiveram os heroicos defensores do PORTO e os seus habitantes incommunicaveis com o resto do mundo, flagellados pela guerra, pela fome, pelo cholera, e pelo typho, que faziam consideraveis stragos.

Foi n'esta época que o govêrno do DUQUE DE BRAGANÇA dirigiu officios ao embaixador inglez em *Madrid*, de cuja leitura qualquer deprehenderia então que a causa constitucional stava para assim dizer perdida em *Portugal*. Perguntava-se a *sir Strafford Canning* sobre que bases se podiam entabolar algumas negociações; e o célebre ministro hispanhol *Zea-Bermudes*, que n'aquella occasião podera ter conseguido grandes vantagens para o cumprimento do seu systema de política, por sua tenacidade em querer tudo, tudo perdêu.

Pelos fins de fevereiro chegou o stado das munições a ponto de as haver só para 1 dia de acção, e mantimentos apenas para 4 dias.

Os coroneis inglezes *Badcok*, e *Sorrell* foram consultados, e aquelle offereceu-se ao nosso HEROE para ir a *Braga*, auctorisado para tractar de condições de capitulação. D. PEDRO recusou obstinadamente, manteve-se firme, e resolveu defender-se até á ultima extremidade. » Os portuguezes, diz o coronel *Badcok*, de cuja obra tirei estes pormenores,

soffriam todos os seus padecimentos com a maior resignação e sem murmurarem. » As gallinhas vendiam-se por 4 ou 5 mil réis cada uma; — a carne a 480, ou 600 réis o arratel; — a de burro a 240 réis; — o bacalhau por este mesmo preço; &c.

A fôrça dos sitiados era então de 18:146 homens, contando 5:184 doentes, 902 officiaes de todas as armas, 866 inferiores, 278 musicos e tambores, e 10:916 cabos, anspçadas e soldados.

No dia 4 de março fez o *conde de S. Lourenço*, general em chefe dos miguelistas, (que pouco antes substituiu o demittido *visconde de S. Martha*) um ataque falso pelos pontos de *Paranhos*, *Cruz das Regateiras*, e *Cotumil*, immediatos á cidade, atacando realmente com fortes columnas *S. João da Foz*, ponto em que commandava o general *Saldanha*. Ao amanhecer foram valentemente atacadas as posições de *N. S. da Luz*, a *frecha* que unia o *reducto do pinhal* com a *casa do pasteleiro*, o logar de *Lordêlo*, e outros pontos. Os atacados deixaram chegar o inimigo á queima roupa, e quando romperam o fogo, fizeram n'elles consideravel strago. Os inimigos atacaram n'aquelle dia com 15 mil homens, mas perderam gente immensa. Dos 3 generaes, *Saldanha*, *Solignac*, e *Torres* (a *Serra* tambem foi atacada) que se cobriram de gloria n'esta acção, foi ao primeiro que coube maior porção de louros.

No dia 23 de março appossou-se o *conde de Villa-flôr* da altura chamada *das Antas*, e no dia seguinte querendo os sitiadores recuperar aquelle ponto, e destruir as obras alli feitas na noute anterior, perderam mui-

ta gente, e deram uma nova victoria aos soldados do GRANDE PEDRO.

A 9 de abril foi o valente coronel *Pacheco* (que desgraçadamente succumbiu depois do sitio, nas visinhanças do PORTO) tomar um reducto, que os sitiadores fortificavam havia alguns dias na *altura do Covêlo*, com alguma tropa arma ao hombro e a passo dobrado, sem dispararem um só tiro. Os nossos acabaram os trabalhos já principiados, virando só a artilheria contra os sitiantes; e a pezar das energicas tentativas que os miguelistas fizeram no mesmo dia e nos seguintes, alli se fortificaram e conservaram até o fim do sitio.

O bombardeamento contra a cidade continuou sempre, mas já os seus habitantes e defensores estavam tão affeitos a elle, que não sómente teve o theatro sempre aberto, mas até houve bailes de máscaras, antes e no tempo do entrudo.

Acalmaram finalmente os ventos; — as novas leis de fazenda sobre admissão de géneros haviam attrahido ás aguas do PORTO numerosas embarcações; — a gentil tomada das *Antas* e do *Covêlo* desaffrontaram muito nosso aperto; — mas elle ainda persistia. Os fogos da artilheria inimiga se cruzavam em todos os pontos da cidade; — a fome e a peste continuavam, posto que fazendo menores stragos; — a nossa força militar tinha chegado ao maximo; — e em taes circumstancias insistiu D. PEDRO por varias vezes com o general *barão de Solignac* para tirar o exercito constitucional da inaccção que infallivelmente o perdia, emprehendendo operações que o podessem salvar. E assim se passou.

abril e maio. Junho já appresentou outro aspecto, não porque houvesse diminuido o rigor do sítio, mas porque a 2 d'este mez chegou de *Londres* o habilissimo e infatigavel diplomatico, a quem a causa da Liberdade e da Rainha já tanto devia. Trazia na sua companhia o almirante *Napier* (*Carlos Ponzá*), e o financeiro *Don J. A. y Mendizabal*, cujo zelo e recursos deram novo impulso e vigor á nossa moribunda causa. Cinco barcos de vapor e 600 homens era a expedição que com elles vinha.

*Napier* tomou o commando da squadra, tendo-se pago a esta o que se lhe devia, graças á somma de 160 mil cruzados pouco mais ou menos, que o *barão de Quintella* (hoje *conde do Farrobo*), então scondido em *Lisboa*, mandou para attender ás urgencias do Govêrno.

Foi n'este stado de cousas que se resolveu em conselho militar mandar uma expedição ao sul do reino. Como não fosse approvada a idêa do general *Solignac*, offereceu elle a sua demissão, que foi logo acceita por D. PEDRO, dando-se o commando do Porto ao general *Saldanha*. O commando da expedição foi dado ao *conde de Villa-flôr*, e o supremo govêrno civil ao *marquez de Palmella*, commandando *Napier* a squadra. A expedição, composta de 2:500 homens, fez-se de vela para o sul a 21 de junho pela manhan; — a 24 desembarcaram juncto a *Cacella* no *Algarve*; — e no dia 30 já eram senhores de toda a costa.

A squadra miguelista que sperava no *Têjo* pelo seu almirante o inglez *Elliot*, e por outros officiaes inglezes, teve o desac-

côrdo de sair de *Lisboa* no dia 1.<sup>o</sup> de julho, procurando a nossa squadra. Era composta de 2 naus de 74, 1 fragata de 60 e outra de 54, 3 corvetas de 24, 2 vasos menores de 20, — e um xabeque; — a nossa constava de 3 fragatas, 3 vasos menores, e de um vapôr.

As 2 squadras encontraram-se na altura do *Cabo de S. Vicente* no dia 5 de junho; e logo travaram combate — pequeno mas terrível. . . . Desde as 2 horas da tarde até ao pôr do sol navegava a squadra miguelista com o pavilhão da Rainha, com a prôa para a baía de *Lagos*, prisioneira do bravo *Napier*. Este golpe, que muito contribuiu para a victoria de *Cacilhas* 20 dias depois, foi fatal á causa de *D. Miguel*.

No mesmo dia 5 de julho, pela 1 hora da tarde, attacou o general miguelista conde de *S. Lourenço* a squerda da linha do Porto; e 2 horas depois dirigiu um 2.<sup>o</sup> ataque para o monte *Pedral*; — mas foi derrotado em todas as suas tentativas.

O dia 9 de julho, anniversario da entrada de *D. PEDRO* no Porto, foi duplamente festejado, porque n'elle se recebêu logo de manhan a agradavel noticia da acção naval do dia 5. E' impossivel descrever o enthusiasmo e a alegria que em todos causou tão fausto acontecimento. *D. PEDRO* deu logo a *Napier* o titulo de visconde do cabo de *S. Vicente*, e mais tarde o de conde do mesmo nome por mais façanhas que lhe veremos practicar. N'esse mesmo dia de tarde mandou o IMPERADOR um dos seus ajudantes ao campo inimigo, com uma carta assignada por todos os ministros d'estado, em que se con-

vidava o *conde de S. Lourenço* a poupar mais derramamento de sangue; n'esta carta promettia o nosso generoso e humano HEROE esquecimento do passado, e sigurança de pessoas e propriedades a todos os individuos compromettidos em favor de *D. Miguel*. O *conde* recusou acceitar esta carta. . . .

Passados alguns dias chegou de *Inglaterra* o marechal francez *Bourmont*, e com elle muitos officiaes francezes, e tomou logo o commando em chefe do exercito miguelista. Esta chegada inspirou algum alento aos sitiantes já bem esmorecidos, e até causou inquietação a alguns sitiados menos animados.

No entretanto o nobre *conde de Villa-flôr* atravessava todo o *Alemtejo*; — e levado nas azas da victoria entrou no dia 24 de julho em *Lisboa*, tendo derrotado na vespera, com menos de 1:800 homens, a divisão do general *Telles Jordão*, que com 6:000 homens se lhe quiz oppôr na *cova da Piedade e Cacilhas*, onde foi morto. Foi tal o terror que, em consequencia d'esta derrota, se apoderou do *duque de Cadaval* e das outras auctoridades da capital, que a pezar de contarem ainda com 8 mil homens para a defenderem, fugiram vergonhosamente, sem opporem a mínima resistencia ao general victorioso, que passou o *Tejo*, e proclamou *D. MARIA 2.<sup>a</sup>* em *Lisboa* á testa de 1:500 homens!

*D. Miguel* sabendo no mesmo dia pelo telegrapho esta noticia para elle funesta, resolveu dar um golpe sobre o PORTO, antes que ella se divulgasse entre os seus e os nossos soldados. E com effeito no dia seguinte 25, pelas 6  $\frac{1}{2}$  horas da manhan, fortes columnas inimigas dirigidas por habéis officiaes.

francezes atacaram vigorosamente as posições da quinta do *Vanzeller* e do *Lordêlo*; — appoiados pelas baterias dos reductos da *Ervilha*, *Serralves*, &c., e pelas de *Villa-nova*. Quatro vezes atacaram os miguelistas com o mais brilhante ardor e coragem, e outras tantas foram rechagados pelas baionettas d'infanteria, pela metralha, e pelos foguetes de *Congrève*. Até as mulheres levavam com o maior sangue frio refrescos e munições aos nossos pontos mais arriscados, cantando hymnos para se animarem. Passadas algumas horas mudaram os miguelistas o ataque, da extrema squerda para a extrema direita, mas com o mesmo resultado. Na fôrça do calôr d'esta acção, querendo o general *Saldanha* desalojar o inimigo de certo ponto de que se havia apoderado, carregou sobre elle sem se poder conter, com alguns lanceiros e com o seu stado maior; — e foi n'esta occasião que morreu de uma balla o seu sobrinho *D. Fernando d'Almeida*, joven de grandes esperanças!

A's 2 horas da tarde havia calado o fogo de ambos os lados, e aos pés dos liberaes portuguezes, commandados por *Saldanha*, e dirigidos por *PEDRO O GRANDE*, jazia a corôa de louro do vencedor d'*Argel*, e o bastão do marechal de *França*, *Bourmont*!! A nossa perda foi n'este dia de 311 homens, entre mortos e feridos, contando 39 officiaes.

No mesmo dia á noute recebeu-se no Porto a faustissima noticia da entrada do general *duque da Terceira* em *Lisboa*; — e logo no outro dia o nosso *HEROË* se dispoz a sair para a capital, a pezar de ser bem arriscado o embarque. Falou a todos os corpos do exercito,

fazendo-lhes vêr que a capital da monarchia necessitava da sua presença; — e lembrando a cada corpo as brilhantes accções e nobres feitos que practicara, despediu-se do Porto, entregando o commando do exercito ao illustre *Saldanha*, e promettendo voltar áquella heroica cidade com sua augusta Filha.

Com effeito partiu na noute do dia 26 sem acontecer desgraça alguma, levando toda a sua comitiva, e todos os seus ministros.

Não deixaremos sair o nosso **HEROË** dos muros do Porto, sem traçarmos em 2 palavras o seu modo de vida n'aquella heroica cidade. — **D. PEDRO** dava o exemplo aos seus soldados, comendo e bebendo como elles; — jazeu muitas vezes na terra nua; — aqui pegava n'uma enchada para animar o trabalho de uma trincheira; — e acolá era preciso que um general lhe intimasse ordem de prisão em nome da sua Rainha, para o desviar d'um ponto perigoso onde choviam as ballas. . . . No hospital caminhava por entre os feridos, consolando-os, e até atando-lhes as ligaduras; — no arsenal ajudava a encartuchar polvora; — nas baterias ensinava aos artilheiros a pontaria; — e depois da accção distribuia por sua propria mão as condecorações, como **NAPOLEÃO**. Hoje frequentava os tribunaes, á manhan os asylos de piedade; — velava todos os stabelecimentos, de tudo entendia, a todos ouvia, e com todos falava. . . . Sobre o arção do seu cavallo, ou sobre uma peça despachava muitas vezes os requerimentos; — sendo quasi sempre ministro de si mesmo. . . . Finalmente começavam os seus beneficios com o seu dia; — e este começava antes do toque da alvorada. . . .

No dia 28 de julho chegou D. PEDRO a Lisboa, e o patrio Tejo o viu desembarcar em suas praias. A gloria e o prazer d'este dia podem sentir-se, mas não descrever-se; — ambas as margens do rio stavam cobertas de portuguezes; — o mesmo rio apinhado de embarcações cheias de gente; — uma só voz se ouvia nascida do coração de todos:

**RAINHA! CHARTA! PEDRO!**

Viva o famoso rei, que nos liberta!

Dia de gloria e de perenne satisfação, quão rapido correste!... Tendo ido ao templo dar graças ao Altissimo, depois de uma não interrompida serie de prodigios de coragem civica e marcial, foi o IMMORTAL VENCEDOR DO PORTO descansar no palacio dos seus avós, para d'alli continuar a carreira de suas gloriosas fadigas!

Na madrugada de 9 do seguinte mez abandonou D. Miguel a direita da sua linha, desd'o mar até á strada de Braga. A 16 incendiaram os miguelistas os armazens de vinhos de *Villa-nova de Gaia*. Este attentado vandálico e execrando arruinou mais de mil familias: 15 a 16 mil pipas de vinho e de aguardente foram entregues ás chammas, perdendo-se em algumas horas o valôr de mais de 5 milhões!

No dia 18 pela madrugada saíu o general *Saldanha* do PORTO com quasi toda a guarnição, e acabou de expellir o inimigo de toda a parte do norte, arrojando-o para além de *Vallongo*. E assim se levantou o sitio do PORTO, depois de 11 mezes e 10 dias, — tempo fertil em acontecimentos, e que será sempre memoravel nos annaes portuguezes!

Poderam finalmente os seus habitantes sair a verem os acampamentos, linhas, redutos, &c. dos inimigos, tendo-se comportado durante o sítio com o maior heroismo; — e sempre promptos a auxiliarem D. PEDRO com toda a sorte de sacrificios. Até as senhoras rivalisaram de patriotismo, mandando constantemente ligaduras, roupas e fios para os hospitaes.

Calcula-se que foram lançadas contra a cidade, *Serra*, e *S. João da Foz*, durante o sítio, mais de 14 a 15 mil bombas e granadas. O brigadeiro *Cunha Mattos*, brasileiro, que publicou uma especie de *Diario dos acontecimentos mais notaveis do sítio do Porto*, contou só em 19 dias 2:632. O numero total das pessoas que morreram do cholera-morbus subiu a 3:612, e o das que foram atacadas d'este terrivel flagello a 9:370 em 6 ou 7 mezes.

A' medida que *D. Miguel* dirigia sobre *Lisboa* as suas forças, iam as tropas da guarnição do PORTO para a capital por mar, e o LIBERTADOR fortificava todos os dias esta com linhas de defeza, que foram attaccadas nos dias 5 e 14 de setembro com o mesmo exito que as do PORTO.

Em 22 de setembro chegou a *Lisboa*, e entrou no palacio dos seus augustos antepassados, a RAINHA DE PORTUGAL, accompanhada pela Excelsa Sposa do Immortal PEDRO, a senhora DUQUEZA DE BRAGANÇA.

Na manhan do dia 10 d'outubro atacou o NOSSO HEROE o inimigo, que contava 16 mil homens, á testa de todo o exercito constitucional, composto de 8:300 homens, dos quaes só 2:500 soldados experimentados; e

depois de porfiada e encarnigada lutta, em que os dous partidos rivalisaram de valôr, foram finalmente os miguelistas arrojados para *Santarém*, onde se fortificaram, havendo os nossos perdido, no dia 10 e seguintes, mais de mil homens entre mortos, feridos e alguns prisioneiros.

No dia 12 do mesmo mez, seu anniversario, fez o GRANDE PEDRO um grande acto de justiça ao famoso *marquez de Pombal*, e ao mesmo tempo, de cortezia e remuneração ao seu illustre descendente o nobre *marquez de Saldanha*, mandando repôr a effigie d'aquelle célebre ministro portuguez no pedestal da statua equestre de *D. José I.*, no terreiro do Paço; — acção que mereceu os encomios e applausos de toda a nação, grata aos dois POMBAES!

Depois de varios acontecimentos militares de pequena importancia, chegou o dia 18 de fevereiro de 1834, em que o general *Saldanha* acrescentou novos louros aos muitos que já ganhado havia, alcançando a victoria na batalha que n'este dia se dêu em *Almoster*. Em março do mesmo anno dirigiu-se a pequena guarnição do Porro, commandada pelo valeroso *barão do Pico do Celeiro*, sobre *Braga*, libertou a provincia do *Minho*, e marchou para *Tras-os-montes*, ao mesmo tempo que o almirante *Napier* se apoderava de *Caminha*, *Vianna*, *Valença*, *Figueira*, &c. Chegou então ao PORTO com o batalhão 12.<sup>o</sup> de caçadores o *duque da Terceira*, para tomar o commando das forças que se dirigiam a *Tras-os-montes*. Partiu a 5 de abril, e d'alli a dias arrojou o inimigo da forte posição d'*Amarante*, chave das 2 pro-

vincias do norte. Passou logo a *Villa-Real*, *Lamego*, *Vizeu*, *Coimbra*, &c.; — e de accôrdo com o general hispanhol *Rodil*, que acabava de entrar em *Portugal* pela *Beira*, foi dar o ultimo golpe aos miguelistas na *Assiceira* no fausto dia 16 de maio. A brilhante victoria d'este dia obrigou *D. Miguel* a deixar *Santarém* no dia 18, e 8 dias depois a depôr as armas em *Evora* por uma convenção. Tendo assignado uma declaração de nunca mais se intrometter directa nem indirectamente nos negocios de *Portugal*, e restituído todas as joias da corôa, partiu para *Sines*, onde embarcou no dia 1.º de junho, a bordo da fragata ingleza *Stag*, deixando sua sobrinha em pacífica posse do throno portuguez, que agora lhe pertencia, como a *França* a *Henrique 4.º*,

Et par droit de conquête & par droit de naissance;

e seu irmão o GRANDE PEDRO regendo o reino em nome de sua Augusta Filha.

» Em toda a parte, diz a fala do Throno já citada, foi novamente reconhecido o govêrno da Rainha, e reiterados os juramentos de fidelidade á sua auctoridade, e á CHARTA. A nação começou a gozar a paz e a tranquillidade, que ellas lhe affiançam... »

A despeza feita com o exercito libertador desde março de 1832 até junho de 1834 foi: 6:0:9:612.462 réis.

Durante esta campanha perdêmos, entre mortos, feridos, prisioneiros, e extraviados: 654 officiaes, 487 inferiores, 67 tambores, e 5:976 cabos, anspeçadas, e soldados; não falando de 19 officiaes (todos estrangeiros), 105 inferiores, 75 tambores, e 7:092 cabos,

anspeçadas, e soldados, que desertaram; e de 83 officiaes, 139 inferiores, 40 tamboures, e 2:792 cabos, anspeçadas, e soldados, que falleceram nos hospitaes.

O exercito libertador tinha em julho de 1832: ..... 8:300 praças, e quando acabou a lucta:.. 60:119.

O de *D. Miguel* tinha no principio da guerra: ..... 83:316; e em maio de 1834..... 16:000.

O nosso **HEROË** havia, mesmo durante a lucta, feito reconhecer formalmente o governo de sua Filha pela *Inglaterra, França, Hispanha, Suecia, Belgica, e Dinamarca*; — e ajustara em 22 de abril d'aquelle mesmo anno um tractado de quadrupla alliança com a *Hispanha, Inglaterra, e França*, com o fim principal de dar novas siguranças ao exito feliz e prompto da lucta, e concorrer assim para a tranquillidade e bem geral de toda a *Europa*.

» Spontanea e generosamente, disse **D. PEDRO** ás côrtes reunidas, se concederam ao inimigo algumas condições dictadas pelas circumstancias, e approvadas pela humanidade. E como nunca foi meu ánimo fazer guerra aos portuguezes, mas sim e tão sómente á usurpação e tyrannia de que stavam opprimidos, concedi-lhes ainda em nome da Rainha uma segunda amnestia, conforme com os meus principios, e com os dictames do meu coração. »

E todavia no mesmo momento em que terminava a lucta, quando o sangue portuguez cessava em fim de correr derramado por mãos portuguezas, quando **PEDRO o GRANDE** completava a sublime obra a que o mesmo

DEUS o havia chamado, a que magnanimo se votara, — no centro mesmo da capital se manifestou a mais infame e monstruosa ingratição, que abriu no coração do nosso HEROE larga ferida, que a arte não soube nem podia fechar. A morte, disse um illustre Prelado, assignalou logo o GRANDE PEDRO por victima sua. No dia do seu maior triumpho, no dia da sua maior gloria, soffreu o GENEROSO GUERREIRO, O LIBERTADOR, LEGISLADOR E PACIFICADOR DA SUA PATRIA O mortal desgosto de vêr que todos os portuguezes não partilhavam a generosidade da sua elevada alma, nem a bondade do seu paternal coração!! Deshumanos! barbaros e crueis monstros!!

O nobre PRINCIPE LIBERTADOR, sem largar a spada, sem repousar dos exercicios e cuidados da guerra, assistiu sempre aos conselhos dos seus ministros, discutiu leis, decidiu negocios, promulgou decretos, &c. Durante a sua dictadura tomou muitas e mui importantes medidas e providencias para melhor regimen do reino, e para mais facil e prompta observancia da CHARTA. — Dêu nova fórma ao podêr judicial, e á administração pública e de fazenda, em seus differentes ramos. — Organizou o exercito, e as suas repartições civís. — Stabeleceu portos francos em *Lisboa* e *Porto*, e ordenou alguns regulamentos para maior extensão, segurança e liberdade do commercio. — Allevantou libertada a moribunda agricultura. — As suas vistas de piedade e philanthropía stenderam-se aos hospitaes e misericordias, cuja administração confiou a homens virtuosos. — Destinou o convento dos *Jeronymos* de,

*Belém* para casa pia, fixando-lhe rendas. — Creou asylos de primeira infancia. — Fez as leis regulamentares que lhe pareceram mais necessarias e urgentes. — Removeu muitos obstaculos que embargavam a marcha dos negocios, e se oppunham á prosperidade dos povos, aplainando o terreno por onde a Liberdade devia marchar com desafôgo. — Adoptou e empregou seguros meios de stabelecer e augmentar o credito público, em cujo beneficio fez importantissimas transacções, fundadas todas na justiça e boa fé. — Pagou scrupulosamente os credores do estado, dentro e fóra do reino, fazendo adquirir ao govêrno da Rainha um nome respeitavel nas praças mercantís da *Europa*, igualado ao das nações mais prosperas e mais pacificas. — Extinguiu o papel moeda, cancro roedor da subsistencia pública, que ha tantos annos minava surdamente a fortuna do estado e as dos cidadãos. — E finalmente supprimiu todas as familias e associações de religiosos, de qualquer denominação ou instituto que fossem, por estes starem relativamente á religião já totalmente alheios do spirito primitivo de seus institutos, e quasi que exclusivamente dominados do amor dos interesses temporaes e profanos que faziam profissão de desprezar; e relativamente á politica, por serem corpos como desnacionalisados, indifferentes ao bem ou mal dos seus concidadãos, e por servirem zelosamente o govêrno despótico ou tyrannico, se d'elle speravam favor e consideração.

Em quanto D. PEDRO se empregava em tão assíduos, multiplicados e importantes trabalhos, quasi todos os dominios ultramarini-

nos se declararam espontaneamente pela CHARTA, e pela auctoridade da RAINHA.

Mandou, logo depois da convenção d' *Evo-ra-monte*, proceder ás eleições dos representantes da nação, fixando para a sessão real o dia do nome de sua augusta Filha (15 d' agosto). — Foi ao PORTO, em companhia da RAINHA e de sua Sposa, desempenhar a promessa que havia feito aos briosos Portuenses; — e voltou logo para *Lisboa* abrir solemnemente as côrtes, e appresentar-lhes no seu discurso um relatorio de todos os actos da sua administração:

Auctorisado pelas côrtes para continuar Regente do reino, durante a menoridade de sua Filha, sem restricção alguma; — e bem assim para casar esta com um Principe, que o mesmo Regente escolhesse, apenas teve tempo para eleger o seu cunhado AUGUSTO, *duque de Leuchtemberg*, e *principe de S. Cruz*, ao qual dêu de presente a sua invicta spada!

Assim como a bonina que cortada

Antes do tempo foi caudida e bella. . . ; (\*)

assim cessou d'existir, no dia 24 de setembro de 1834, esse HOMEM extraordinario que, segundo um dos nossos mais brilhantes scriptores, soube usar do ferro para vencer, e da victoria para perdoar; — do sceptro para libertar os seus semelhantes, e da penna para traçar um codigo de civilisação! esse HOMEM que pertence finalmente á historia!!

Pupilli facti sumus absque patre, matres nostræ quasi viduæ!

---

(\*) *Cam. Lus.*

O padrão d'este illustre PRINCIPE, scanda-  
lo glorioso dos despotas, ha de ser a histo-  
ria de seus poucos annos, que tem de can-  
çar, segundo o auctor que acima designei,  
a penna dos mais laboriosos scriptores!

..... Joven ousado!  
Grande empreza te coube, ... acerba gloria  
De que não gozarás! ... (\*)

Rasgos d'uma alma superior caracteriza-  
ram os seus ultimos momentos! Já no dia  
16 de setembro tinha D. PEDRO falado  
em largar a regencia. A 17 conheceram a  
RAINHA, e a DUQUEZA DE BRAGANÇA a des-  
graça de que ellas e a nação eram amia-  
çadas, e commungaram com o nosso HEROE,  
depois de se ter offerecido ao Altissimo o sa-  
crificio incruento pela sua saúde e vida. N'es-  
se mesmo dia fez e assignou o seu testa-  
mento, confiando á generosidade da nação  
portugueza os mais caros objectos da sua di-  
lecção — sua Sposa e Filhas!

A 18 screveu ás côrtes, participando-lhes  
que o seu stado de saude não lhe permittia  
continuar a reger os destinos de *Portugal*,  
e pedindo-lhes que tomassem sábias e prom-  
ptas providencias sobre este tão importante ob-  
jecto, por isso que d'elle dependia a salva-  
ção da patria. As câmaras tendo em respos-  
ta declarado a RAINHA maior, para gover-  
nar logo per si mesma, D. PEDRO sanc-  
cionou o decreto, largou o poder, e recom-  
mendou a sua Filha a felicidade do povo,  
governando-o, *não pelo arbitrio, mas só pe-  
la CHARTA*, o que S. M. entre lagrimas e  
suspiros lhe prometteu....!

---

(\*) Garrett, Cam.

No dia 19 quiz despedir-se do exercito. O duque da Terceira, e um soldado do 5.º batalhão de caçadores entraram na camara imperial. . . . D. PEDRO abraçou-os, e ordenou ao soldado que levasse aquelle abraço a todos os seus camaradas! . . . Este exclamou retirando-se: *oh Ceus! e porque não morri eu nas trincheiras do PORTO? Foi para ver n'este stado o meu coronel? . . .*

Despediu-se logo tambem de todos os seus ministros, abraçando-os, e dando-lhes o nome de *amigos*; — e despediu-se tambem de todos os seus ajudantes de campo, dos seus criados, e dos da RAINHA. . . . No dia 20 recordou ainda a sua querida Filha o vinculo sagrado que ía ligal-a ao povo portuguez pelo juramento prestado em côrtes; confessou-se, e recebeu todos os sacramentos.

Nem nas agonias da morte se esqueceu do PORTO. . . Já desfallecido, já quasi sem poder falar, fez um sforço, repetiu a sua Sposa o nome d'aquella Immortal Cidade, e apertando-lhe a mão, disse-lhe as seguintes palavras: « *Querida AMELIA, quando o meu coração for arrancado do meu peito, mandai-o, Princesa, á cidade do PORTO; — eu lh'o légo como um penhor eterno da minha gratidão a seus filhos.* »

No instante derradeiro recebeu das mãos da RAINHA a gram-cruz da Torre e Espada, premio do Valor, Lealdade, e Merito, que elle mesmo instituiu; e morreu com serenidade christan nos braços de suas virtuosas Sposa e Filha, pelas 2 horas e meia da tarde, no meio das lagrimas e gemidos de todo o povo portuguez!

*Omnis populus ejus gemens! . . .*

Expirou no momento em que o ministro da religião convidava os anjos e sanctos do ceu a receberem a sua alma, e conduzil-a diante do throno do Altissimo!

*Et fleverunt eum omnis populus... planctu magno,  
& lugebant dies multos;*

*Et dixerunt: Quomodo cecidit potens, qui salvum faciebat populum? !..*

« Vai, (exclama o mesmo genio, (\*) que já por vezes citei, falando do nosso **HEROE**, e eu terminarei com as suas bem scriptas palavras) vai, **HOMEM** que da vida só conheste os trabalhos, e d'entre os prazeres só os de bem fazer. Tu não morreste para ti, saíste para ir receber na patria dos justos o soldo da tua milicia longa, as corôas dignas da virtude que a terra só podia desejar-te, e o complemento das nossas bençãos não stéreis.

» Vai, que fechaste os teus dias bem curtos, maduro para a tua glória, cêdo para o nosso descanso. O teu facho brilhando e aquecendo se devorou quasi de repente..... Dissipando a tua existencia em sacrificios de toda a ordem, foste receber de **DEUS** o prêmio das grandes acções, em quanto sobre a terra que deixaste, por ti correm as lagrimas;..... e que lagrimas!!....

---

(\*) A. Felic. de Castilho.





010392

